

CRIANÇAS E TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UMA REVISÃO BIBLIOGRAFICA DA LITERATURA

Maria José de Sousa Freire ¹
Deyvison Bandeira de Moura (orientador)²

Resumo: O estudo do autismo é fundamental para ajudar as pessoas atualmente diagnosticadas com transtorno do espectro autista (TEA), bem como aquelas cujos sintomas continuam não reconhecidos e sem tratamento adequado. A pesquisa sobre autismo também é altamente relevante para entender a classe mais ampla de transtornos do neurodesenvolvimento. Este artigo reúne contribuições sobre o TEA, além de subsidiar aspectos metodológicos como a descoberta, avaliação, tratamento e desenvolvimento de pessoas com autismo, auxiliando na compreensão do TEA, além de contribuir para o combate aos preconceitos.

Palavras-chave: TEA. Educação Infantil. Saúde.

Abstract: The study of autism is essential to help people currently diagnosed with autism spectrum disorder (ASD), as well as those whose symptoms remain unrecognized and without adequate treatment. Autism research is also highly relevant to understanding the broader class of neurodevelopmental disorders. This article brings together contributions on ASD, in addition to subsidizing methodological aspects such as the discovery, evaluation, treatment and development of people with autism, helping to understand ASD, in addition to contributing to the fight against prejudice.

Keywords: TEA. Child education. Health.

INTRODUÇÃO

A pesquisa sobre inclusão está em constante evolução no Brasil e no mundo, com inúmeros trabalhos publicados (artigos científicos, livros, entre outros), trazendo importantes contribuições no combate ao preconceito, além de auxiliar nos campos do conhecimento humano mais diversos. O objetivo deste estudo é trazer reflexões

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação (Stricto Sensu) em Ciências da Educação da Universidad Del Sol – UNADES. Professora na Secretaria Municipal de Educação de São Luís - MA.

² Professor na Universidad Del Sol – UNADES

Fonte de financiamento: Própria

Conflito de interesse: Não

E-mail do autor-correspondência: mariajosefreire03@gmail.com

Data de recebido: 30/12/2022

Data de aprovado: 10/01/2023

Editor: Marcelo Máximo Purificação.



metodológicas sobre o Transtornos do Espectro Autista (TEA), estimular o debate crítico sobre o tema, com citações e justificativas sobre o assunto, para tornar a discussão relevante na comunidade científica e acadêmica.

De acordo com o DSM-5 (APA 2013), o TEA representa um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por alterações na comunicação e na socialização e, por outro lado, pela presença de comportamentos repetitivos e estereotipados com repertório limitado de interesses e atividades. Nesse sentido, discutir os aspectos metodológicos que entrelaçam o conhecimento pedagógico e a neurociência é essencial, pois a relação professor-aluno com TEA deve receber suporte pedagógico que facilite a aprendizagem e o currículo de Educação Infantil deve contemplar o status cognitivo, motor, linguístico e social (CARVALHO, 2010; FAVORETTO; LAMONICA, 2014).

METODOLOGIA

A pesquisa representa um estudo bibliográfico, pois está ancorada em investigações científicas já realizadas sobre o tema proposto, referindo-se ao que nos informa Gil (2002), lembrando que a pesquisa bibliográfica³ é realizada a partir de materiais já concluídos e publicados, que nos oferecem uma melhor compreensão do problema que está sendo analisado, e estes são registrados por meio de livros, revistas, artigos, entre outros recursos, preparados para contribuir com o conhecimento científico.

O presente estudo é exploratório e descritivo em consonância com as palavras de Bertucci (2008) que afirma que o objetivo principal da pesquisa exploratória é entender melhor o problema ou construir hipóteses. Pode-se dizer que tal pesquisa tem como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de insights. Ele explica ainda que o objetivo primordial da pesquisa descritiva é descrever as características de

³ A pesquisa bibliográfica, é considerada uma leitura de fundo e reflexão baseada em literaturas essenciais para o desenvolvimento e elaboração de hipóteses de pesquisa. Serve como uma fonte condensada para que os leitores saibam quais obras foram consultadas e permite uma lista para leitura posterior. A pesquisa bibliográfica envolve a especificação de cada trabalho referido, na montagem ou preparação de uma peça de pesquisa (paper ou artigo, nota etc.). É uma forma particular de revisão sistemática da literatura, portanto, o processo de busca na literatura deve ser transparente e reproduzível. É necessário um relato detalhado da estratégia de busca, que inclui uma descrição dos bancos de dados usados, os termos de busca e os critérios de inclusão/exclusão.



uma determinada população ou fenômeno ou, portanto, estabelecer relações entre variáveis.

Acreditamos que o pesquisador deva utilizar diversos materiais, com o objetivo de transmitir conteúdos confiáveis em suas pesquisas e que se baseie em autores com credibilidade científica, ou seja, com produções de qualidade comprovada que contribuam para futuras pesquisas de caráter acadêmico. Desta maneira.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo. (GIL, 2002. p. 50).

Segundo Gil (2002), a pesquisa bibliográfica necessita de um pesquisador que tenha a capacidade, conforme determina a profundidade de suas leituras, de desenvolver a discussão com os teóricos que fundamentaram o estudo, e, a capacidade de compreender que permite a reflexão a partir da discussão realizada durante a pesquisa. Para a construção deste texto, selecionamos alguns trabalhos já publicados, escolhidos dentre as categorias elencadas, que são: TEA; Educação infantil e saúde.

AUTISMO E SEUS DIFERENTES CONTEXTOS

O autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento complexo e multifacetado. É frequentemente referido como transtorno de processamento de informação e percepção que afetam o desenvolvimento da interação social, comunicação e repertório comportamental. TEA é definido como um distúrbio de desenvolvimento neurológico que deve estar presente desde a infância, apresentando comprometimentos de ordem sociocomunicativa e comportamental (APA, 2013). O Transtorno do Espectro Autista é um transtorno global do desenvolvimento e definidos como diagnósticos médicos na atual CID 10 (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde).



Existe uma distinção entre "autismo da primeira infância", "síndrome de Asperger" e "autismo atípico". Na prática, no entanto, está se tornando cada vez mais difícil diferenciar, à medida que formas cada vez mais leves dos distúrbios individuais estão sendo diagnosticadas. Portanto, o termo "Transtorno do Espectro Autista" (TEA) é frequentemente usado hoje como um termo genérico para todo o espectro de transtornos autistas. As características do autismo infantil já são evidentes antes dos 3 anos de idade e são particularmente evidentes em três áreas: (i) na Interação Social com outras Pessoas; (ii) na Comunicação e, (iii) em Comportamentos Repetitivos e Estereotipados.

Pesquisadores, entre os quais citamos Ciring; Rowland (1985) e Bates *et al.*, (1979), salientam que pessoas com autismo têm dificuldade em oferecer sinais sociais e emocionais, e enviá-los. Respostas aos sentimentos de outras pessoas ou ajustes comportamentais a situações sociais raramente são apropriadas. O comportamento de imitação de pessoas com autismo também é significativamente restrito, o que tem implicações para o desenvolvimento do jogo "faz de conta" e do jogo imitativo. No campo da comunicação, o desenvolvimento do uso da linguagem e a compreensão da linguagem são igualmente afetados.

Os princípios de comportamento aplicados aos constructos não observáveis estabeleceram muitos estudos no campo da metodologia de observação sistemática (CARPENTER; MASTERGEORGE; COGGINS, 1983; CIRRING; ROWLAND, 1985). Como resultado, a troca mútua de conversas, a flexibilidade na expressão da linguagem e na interação são tão pouco desenvolvidas quanto o desenvolvimento de gestos de acompanhamento, por meio dos quais a comunicação falada seria enfatizada ou seu significado seria sublinhado, afirmam os autores acima. Um dos resultados mais importantes do estudo de Bates *et al.* (1979) ao investigarem a questão de gestos indicativos como apontar, foi o de que o gesto em questão foi um preditor da capacidade linguística subsequente.

Para Caminha e Alves (2016) os padrões comportamentais são caracterizados por padrões de comportamento, interesses e atividades restritos, repetitivos e estereotipados, em que as tarefas diárias são realizadas de forma rígida e rotineira. As crianças podem insistir em realizar certas rotinas em rituais que parecem sem sentido e pode haver atividades constantemente repetitivas com dados, movimentos ou horários. Estereotípias motoras, como balançar, girar coisas são frequentemente observadas, bem como um



interesse extraordinário em aspectos de objetos (por exemplo, como eles cheiram ou sentem). As pessoas com autismo podem ter grandes problemas com mudanças de comportamento ou detalhes de seu ambiente pessoal (como mudanças na decoração ou nos móveis da casa, mudanças nas roupas, entre outras. Desta forma.

Como já visto, o comprometimento qualitativo no desenvolvimento sociocomunicativo é crucial para o diagnóstico precoce de crianças com TEA. Ademais, o déficit na habilidade de se engajar em relações triádicas de AC representa um importante indicador precoce do transtorno. Nesse sentido, entende-se que a pouca compreensão das pessoas enquanto agentes intencionais reflete no modo como as crianças com TEA interagem com os outros e com o mundo. Compreender tais dificuldades iniciais e as implicações delas para o desenvolvimento subsequente da linguagem e da competência social é importante tanto para a avaliação dos sinais de alerta para o transtorno como para a elaboração de estratégias interventivas que estejam apropriadas ao nível de desenvolvimento de cada criança. (CAMINHA; ALVES, 2016, p. 8).

Além dessas peculiaridades na interação social e no repertório comportamental das pessoas afetadas, os autistas apresentam grandes dificuldades com a percepção e processamento de estímulos ambientais e sensoriais. De acordo Lord, Storoschuk, Rutter e Pickles (1993) definem diversos fatores que podem afetar a interação social de crianças com autismo, tais como nível global de desenvolvimento e o tipo de contexto em que está inserido (familiar x não-familiar, estruturado x naturalístico). Além dessas características, as pessoas com autismo geralmente tendem a ter vários outros distúrbios psicológicos associados, como medos excessivos, fobias, distúrbios do sono e da alimentação, bem como comportamentos desafiadores na forma de explosões de raiva e comportamentos que prejudicam os outros ou a si mesmo. A maioria das pessoas com autismo não tem espontaneidade, iniciativa e criatividade, eles têm dificuldade em tomar decisões sobre como completar uma tarefa, mesmo que a tarefa possa ser feita cognitivamente. (ZANON; BACKES; BOSA, 2014).

Isto dito, seguimos com Orrú (2010), que mostra a importância da abordagem histórico-cultural demonstrando o papel que o professor desempenha no processo de mediação escolar. Desse modo



Na perspectiva da abordagem histórico-cultural, o aluno é sujeito ativo de seu processo de formação e desenvolvimento intelectual, social e afetivo. O professor cumpre o papel de mediador desse processo [...]. Nesse processo de mediação, o saber do aluno, enquanto sujeito ativo é muito importante na formação de seu conhecimento. O ensino é compreendido como uma intervenção repleta de intencionalidade, inferindo nos processos intelectuais, sociais e afetivos do aluno, visando à construção do conhecimento (ORRÚ, 2010, p. 09).

Mudanças nas características dos transtornos autistas podem ser observadas com a idade. No entanto, mesmo na idade adulta, características como socialização, comunicação e interesses persistem. Crianças com autismo, em geral, têm dificuldade em aprender a usar as palavras corretamente, mas quando participam de um programa de curso intensivo, aparecem mudanças positivas na fala, na motricidade, na interação social e de aprender. A falta de capacidade de resposta das crianças autistas é muitas vezes devido a uma falta de compreensão do que se espera delas, ao invés de uma atitude de isolamento e rejeição deliberada EUA (CASTRO; GIFFONI, 2017).

A Síndrome de Asperger difere de outros transtornos do espectro do autismo principalmente porque muitas vezes não há atraso no desenvolvimento ou retardo na linguagem ou no desenvolvimento cognitivo. A maioria das pessoas com Síndrome de Asperger tem inteligência geral normal, que é particularmente alta em algumas áreas. Por outro lado, há anormalidades no desenvolvimento psicomotor e na interação social, onde peculiaridades na percepção e processamento de estímulos ambientais e impressões sensoriais também são comuns. Infelizmente, não há informações precisas sobre a frequência do TEA no Brasil. Os números abaixo referem-se, portanto, a investigações na Europa, Canadá e EUA (CASTRO; GIFFONI, 2017).

Apesar dos extensos resultados da pesquisa, ainda não surgiu nenhum modelo explicativo abrangente que possa provar completa e conclusivamente as causas do TEA. Os fatores causais da síndrome são tão diversos quanto as abordagens pedagógicas e terapêuticas. Uma suposta ligação entre vacinas e autismo foi cientificamente refutada várias vezes e recentemente, em um estudo em larga escala com mais de 650.000 crianças, no qual não foi encontrada nenhuma conexão entre vacinação e autismo (ANDRADE; TEODORO, 2012).

Especialistas assumem que os transtornos autistas são causados principalmente por alterações no material genético. Exemplificando: Irmãos de crianças autistas são 50



vezes mais propensos a desenvolver um transtorno autista e no caso de gêmeos idênticos, ambas as crianças eram autistas em 90% dos casos examinados. No caso de gêmeos dizigóticos, por outro lado, o segundo irmão também desenvolve autismo em apenas 23% dos casos. Aparentemente, certas mudanças genéticas desempenham um papel no desenvolvimento do autismo. Por exemplo, o “cromossomo X frágil” pode ser detectado em 10 a 15 por cento das pessoas autistas – aqui uma alteração genética no cromossomo X é a causa de uma deficiência cognitiva (ANDRADE; TEODORO, 2012).

Até agora, os pesquisadores não conseguiram demonstrar nenhuma mudança no cérebro típica do autismo, no entanto, foram encontradas anormalidades nas seções do cérebro que são responsáveis pelas habilidades sociais e comunicativas. Ainda não está claro se eles surgiram como resultado do autismo ou se causam os sintomas. O desenvolvimento cerebral de crianças autistas provavelmente já está perturbado no útero, o que mais tarde afeta o desenvolvimento normal do cérebro. Por exemplo, crianças autistas têm uma parte posterior do cérebro maior e uma circunferência da cabeça maior nos primeiros anos de vida. Isso provavelmente afeta a interconexão de informações no cérebro (ANDRADE; TEODORO, 2012).

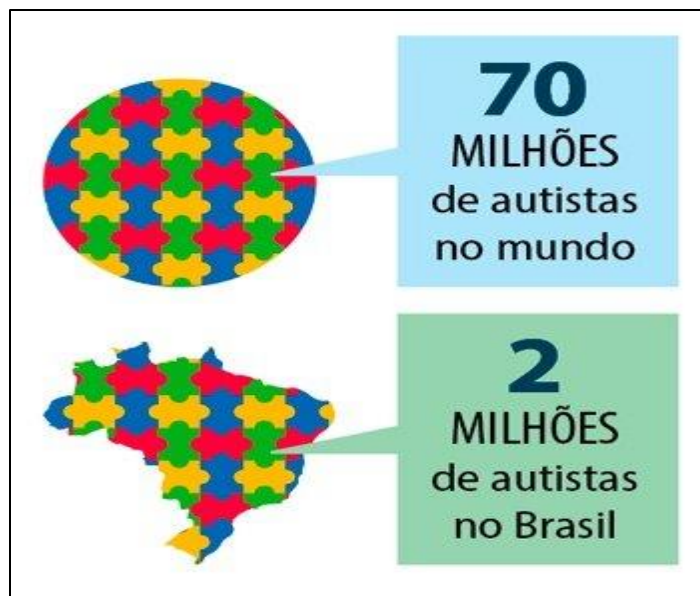
Pessoas com TEA geralmente têm níveis mais altos dos neurotransmissores serotonina e dopamina. Os médicos aproveitam esse fato na terapia do autismo, onde são usados os chamados inibidores de recaptação de serotonina, que também ajudam na depressão. Além das três formas típicas de autismo, existem outros transtornos profundos do desenvolvimento que apresentam sintomas semelhantes aos de pessoas autistas, mas não atendem à definição diagnóstica de "autismo", a Síndrome de Rett ocorre quase exclusivamente em meninas - em contraste com o TEA, que afetam os meninos com mais frequência EUA (CASTRO; GIFFONI, 2017).

Os primeiros sintomas aparecem após um desenvolvimento inicialmente normal entre o 7º e o 24º mês de vida. As crianças afetadas parecem esquecer as habilidades manuais e linguísticas que já haviam aprendido. Eles estão cada vez mais realizando estereótipos, acariciando “movimentos de lavagem” com as mãos. Ao mesmo tempo, o crescimento da cabeça diminui entre o quinto mês de vida e o quarto ano de vida. As crianças perdem completamente a capacidade de falar novamente, seu nível de inteligência é muito reduzido EUA (CASTRO; GIFFONI, 2017).



A seguir na Figura 1, apresentamos um quantitativo de pessoas com TEA no Brasil e no mundo.

Figura 1 – Autistas no mundo e no Brasil



Fonte: Olhardigital, 2021⁴

Além da Síndrome de Rett, existem outros distúrbios da infância em que as habilidades adquiridas são perdidas após o desenvolvimento inicial normal e que pertencem ao TEA. A linguagem, a interação social e a capacidade de comunicação sofrem de distúrbios desintegrativos, e as pessoas afetadas muitas vezes perdem o controle de sua bexiga e intestinos. Eles exibem padrões de comportamento repetitivos e estereotipados e geralmente deficiências intelectuais graves. Cada nível de autismo é individual, e o conceito holístico inclui apoiar as habilidades existentes da criança e desenvolver novas. O ambiente da criança está incluído na terapia, desta forma, a criança pode treinar suas habilidades no grupo, com a família e outras crianças (FRANCO, 2016).

Assim sendo

a superação do modelo psicanalítico e a aproximação das neurociências desresponsabilizou e desimplicou os pais dos

⁴ Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2021/06/18/medicina-e-saude/dia-do-orgulho-autista-e-comemorado-nesta-sexta-feira-18/>. Acesso em: 19 fev. 2022.



destinos subjetivos dos filhos e abriu o caminho para a sua organização em associações que buscam a cura do transtorno e a implantação de terapias cognitivas e comportamentais. O estatuto orgânico do autismo legitimou o movimento. (ORTEGA, 2009, p. 4).

Para lidar melhor com a vida cotidiana, as pessoas com TEA na infância podem desenvolver sua aprendizagem por meio de jogos e recompensas para direcionar sua percepção para as informações importantes, como resultado, eles entendem melhor seu ambiente e seu medo de mudança diminui. As técnicas de terapia comportamental podem desenvolver as habilidades sociais e dissolver comportamentos estereotipados. A utilização de jogos e o contato com crianças comuns são bastante necessários. O treinamento da linguagem (terapia da fala) pode explicar o significado social dos elementos da linguagem para as pessoas afetadas e promover a compreensão da linguagem e a fala ativa, no entanto, deve começar antes dos oito anos, pois as chances de sucesso diminuem com a idade (FRANCO, 2016).

A seguir na Figura 2, apresentamos um exemplo de jogo que pode ser feito.

Figura 2 – Criança com TEA



Fonte: Blog.Vittude,autismo 2022⁵

⁵ Disponível em: <https://www.vittude.com/blog/autismo/>. Acesso em: 19 fev. 2022.



Agora há outro estudo, o maior do gênero até hoje, envolvendo mais de dois milhões de crianças de cinco países diferentes. Este estudo mostrou claramente que o maior fator de risco no desenvolvimento do TEA é a genética. Os fatores ambientais, por outro lado, representam menos de 20% do risco. Outros fatores - como o peso da mãe, quaisquer distúrbios metabólicos ou se o bebê nasceu por cesariana - têm apenas uma influência "ausente ou muito mínima" no desenvolvimento do TEA, de acordo com o estudo. Para chegar a essas conclusões, os pesquisadores examinaram os registros médicos de mais de dois milhões de crianças nascidas entre 1998 e 2011 na Dinamarca, Finlândia, Suécia, Israel e Austrália Ocidental. A equipe de pesquisa internacional acompanhou os sujeitos até a idade de 16 anos. Até o momento, mais de 22.000 pessoas foram diagnosticadas com TEA (ANDRADE; TEODORO, 2012).

Mas a realidade do transtorno é muito mais complexa do que parece à primeira vista. O TEA nunca pode ser atribuído a uma única causa e é provavelmente o resultado de vários fatores inter-relacionados, isso significa que os fatores ambientais ainda podem contribuir para o desenvolvimento do TEA, embora os pesquisadores ainda não tenham certeza desse papel no desenvolvimento do distúrbio. Da mesma forma, os cientistas não estão totalmente cientes das interações genéticas específicas que podem contribuir para o TEA, no entanto, um corpo crescente de pesquisas está abordando essa questão. Os resultados do estudo atual fornecem a evidência mais forte até o momento de que o maior risco de transtornos do espectro do autismo vem de fatores genéticos ((FRANCO, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Colaborar com outras pessoas é uma maneira de plantar sementes de mudança. Há uma necessidade crítica de maior diversidade no combate ao preconceito ao TEA uma maneira de facilitar isso é aumentar a quantidade de pesquisadores na área da inclusão. Para isso, devemos garantir a diversificação da nossa população estudantil. Todos os seres humanos têm identidades diferentes, algumas mais privilegiadas em circunstâncias específicas e outras mais marginalizadas e precisamos utilizar nossa posição para compartilhar as ideologias e perspectivas daqueles que provavelmente são excluídos.



Portanto o presente artigo buscou contribuir de forma significativa para o esclarecimento sobre o TEA, colaborando para futuras pesquisas na área, de modo a tornar cada vez mais presente a difusão sobre o espectro.

REFERÊNCIAS

ADURENS, Fernanda Delai Lucas; DE MELO, Maribél de Salles. Reflexões acerca da possibilidade de prevenção do autismo. **Estilos da Clínica**, v. 22, n. 1, p. 150-165, 2017.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed; 2014.

ANDRADE, A. A., & TEODORO, M. L. M. **Família e autismo: uma revisão da literatura**. Contextos Clínicos, 5(2), 133-142. 2012.

APA. American Psychiatric Association – APA. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders** (5ª ed.) Arlington, VA: American Psychiatric Publishing, 2013.

BATES, E., BENIGNI, L., BRETHERTON, I., CAMAIONI, L. & VOLTERRA, V. (1979). **The emergence of symbols: Cognition and communication in infancy**. New York: Academic Press.

BERTUCCI, Janete Lara de Oliveira. **Metodologia básica para elaboração de trabalho de conclusão de curso (TCC)**: São Paulo: Editora Atlas, 2008.

BOSA, Cleonice. Atenção compartilhada e identificação precoce do autismo. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 15, p. 77-88, 2002.

CAMINHA, V; HUGUENIN, J; ASSIS, L; ALVES, P. **Autismo: vivências e caminhos**. São Paulo, 2016. p.46-51. Disponível em: <<http://pdf.blucher.com.br/s3-sa-east-1.amazonaws.com/openaccess/9788580391329/completo.pdf>>. Acesso em: 21 Dez. 2022.

CARPENTER, Robert L.; MASTERGEORGE, Ana M.; COGGINS, Truman E. A aquisição de intenções comunicativas em bebês de oito a quinze meses de idade. **Linguagem e Fala**, v. 26, n. 2, p. 101-116, 1983.

CARVALHO, Rosita Edler. **Escola inclusiva: a reorganização do trabalho pedagógico** – Porto Alegre: Mediação, 2010.

CASTRO, A. C. D., & GIFFONI, S. D. A. O conhecimento de docentes de educação infantil sobre o transtorno do espectro autístico. **Revista Psicopedagogia**, 34(103), 98-106. 2017.



CIRRING, F. M. & ROWLAND, C. M. **Communicative assessment of nonverbal youths with severe/profound mental retardation**. *Mental Retardation*, 1985, 23, 52-62

FAVORETTO NC, LAMONICA DAC. **Conhecimentos e necessidades dos professores em relação aos transtornos do espectro autístico**. *Rev Bras Ed Esp*. 2014;

FRANCO, V. Tornar-se pai/mãe de uma criança com transtornos graves do desenvolvimento. *Educar em Revista*, 59, 35-48. 2016.

GAUDERER, E. C.; PRAÇA, E. T. P. O. **Uma reflexão acerca da inclusão de aluno autista no ensino regular**. 2011.

GIL, Antonio Carlos. Como classificar as pesquisas. **Como elaborar projetos de pesquisa**, v. 4, p. 44-45, 2002.

GOULART, Paulo; ASSIS, Grauben José Alves de. Estudos sobre autismo em análise do comportamento: aspectos metodológicos. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 4, n. 2, p. 151-165, 2002.

LORD, C., STOROSCHUK, S., RUTTER, M., & PICKLES, A. **Using the ADI-R to diagnose autism in preschool children**. *Infant Mental Health Journal*, 14(3), 1993, 234-251.

LOURETO, Gleidson Diego Lopes; MORENO, Soraya Ivon Ramirez. As relações fraternas no contexto do autismo: um estudo descritivo. **Revista Psicopedagogia**, v. 33, n. 102, p. 307-318, 2016.

OBADIA, Sheyla Alves. Desvendando o autismo e a educação. **Estação Científica (UNIFAP)**, v. 6, n. 2, p. 33-41, 2016.

ORRÚ, Sílvia Ester. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

ORTEGA, Francisco. Deficiência, autismo e neurodiversidade. **Ciência & saúde coletiva**, v. 14, p. 67-77, 2009.

ROCHA, P. P.; GUERREIRO, Maria Fernanda; SANTO, Antónia Maria Espírito. Autismo. **Jornal do Brasil**, 1983.

SANINI, Cláudia; SIFUENTES, Maúcha; BOSA, Cleonice Alves. Competência social e autismo: o papel do contexto da brincadeira com pares. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 29, p. 99-105, 2013.

SENHOR, Catarina et al. Usando o ADI-R para diagnosticar autismo em crianças pré-escolares. **Revista de Saúde Mental Infantil**, v. 14, n.3, p. 234-252, 1993.



SILVEIRA, Patrícia Tusset da; DONIDA, Lais Oliva; SANTANA, Ana Paula. Inclusão e permanência de universitários com diagnóstico de transtorno do espectro autista: discussões acerca de barreiras linguísticas. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 25, p. 659-675, 2020.

ZANON, R. B., BACKES, B., BOSA, C. A. **Identificação dos primeiros sintomas do autismo pelos pais.** *Psic.: Teor. e Pesq.* 30 (1) • Mar 2014 • <https://doi.org/10.1590/S0102-37722014000100004>